



## Numa medianera da educação matemática: tramar com formação de professores e professoras

### In a medianera of mathematical education: to tangle with the formation of teachers

Margareth Ap. Sacramento Rotondo<sup>1</sup>

Giovani Cammarota<sup>2</sup>

#### RESUMO

O artigo engendra uma discussão com formação de professores e professoras tendo como intercessores uma disciplina ministrada na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora e o filme *Medianeras - Buenos Aires na era do amor virtual*. Com o filme, produz-se uma política de narratividade que alinhava com dispositivos que se deram ao longo da disciplina - disparador e caderno de memórias - uma problematização que aponta para uma ética, uma estética e uma política dos processos de subjetivação que se exercitam e produzem em formação de professores e professoras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação de Professores. Memórias. Subjetivação.

#### ABSTRACT

The article engenders a discussion about teachers formation through a course taught at Universidade Federal de Juiz de Fora and the film *Medianeras*. With the film, a policy of narrativity was produced with apparatus able to aligned what were given throughout the discipline - trigger and memories notebook - a problematization that points to an ethics, an aesthetic and a politics of the processes of subjectivation that are exercised and produced in teachers formation.

**KEYWORDS:** Teachers formation. Memories. Subjectivation.

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora e do Programa de Pós-Graduação em Educação FAGED/UFJF. Realiza estágio de Pós-doutorado na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/RC) junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, com supervisão do professor Dr. Roger Miarka. E-mail: margarethrotondo@gmail.com

<sup>2</sup> Professor Assistente da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FAGED/UFJF). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - campus Rio Claro. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGE/UFJF). Licenciado em Matemática pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: giovani.cammarota@gmail.com.

## **Preparando uma disciplina, uma escrita e tramando com formação.**

*A questão das aulas é muito simples. Acho que as aulas têm equivalentes em outras áreas. Uma aula é algo que é muito preparado. Parece muito com outras atividades. Se você quer cinco minutos, dez minutos de inspiração, tem de fazer uma longa preparação.*  
Deleuze (2001)

Uma preparação: é o que aqui apresentamos e exercitamos. Apresentamos uma preparação para uma disciplina em um Programa de Pós-Graduação em Educação que se conjugava a outra disciplina oferecida a graduandos e graduandas das licenciaturas<sup>3</sup>. Em comum, problematizar formação docente ao dar a pensar as políticas cognitivas, signos e invenção. Composição e conjugação de disciplinas destituindo o distanciamento graduação e pós, construindo um entre na processualidade da formação de professoras e professores. Exercício de escrita, em preparação, na invenção de modos de dizer dos efeitos de uma disciplina ocupando-se com a formação de professores e professoras.

Para as licenciaturas a disciplina intitulava-se: “Temas atuais em educação”. Um título que guarda a possibilidade de muitas disciplinas eletivas serem atendidas por ele, já que “atual” aponta para o que está sendo feito no presente ou no momento. E, neste caso, cabem os temas do momento, feitos no presente, em Educação. O desenrolar da disciplina põe como problema para formação de docentes temas que fazem atual ser torcido junto ao pensamento de Deleuze (2006b) como uma das partes do real em parceria com uma virtualidade. Um atual que é efeito de uma atualização de um virtual. Virtual pleno de realidade, que não tem como processo a realização de um possível. Seu processo é a atualização: “a diferenciação, nesse sentido, é sempre uma verdadeira criação” (DELEUZE, 2006b, p. 299). Atual é, pois, uma criação.

Já na pós houve a possibilidade de criação de um título que guardava a problematização a ser engendrada: Estudos independentes: políticas cognitivas, signos e invenção.

O grupo composto trazia alunos e alunas das licenciaturas de Química, Biologia, Matemática e Pedagogia, um mestrando e duas mestrandas em Educação. A todos e todas uma ementa se apresenta: “Como alguém aprende? De que modos a cognição pode ser

---

<sup>3</sup> As disciplinas aconteceram concomitantemente na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACED/UFJF) atendendo às licenciaturas e ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFJF).

pensada para além ou aquém dos esquemas representacionais? De que modos nos relacionamos com o conhecimento, com o processo de aprendizagem? De que modos se dá o pensar no pensamento? O que pode a invenção em educação? Tais questões nos levam a estudar, no âmbito desse curso, conceitos como cognitivismo, conexionismo, representação, invenção, enação, signos e políticas cognitivas como via de pensamento que nos permita dizer da educação como potencialidade na produção de pensamento, conhecimento e mundo aliados ao exercício ético do cultivo de si.”.

Para a trama com esta ementa procuramos intercessores: Virgínia Kastrup (1999, 2005), Gilles Deleuze (2006a, 2006b), Ana Paula Roos (2004) e Francisco Varela (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2001). Junto a estes intercessores preparava-se um exercício de lançar fios para que se fizesse problema com: políticas cognitivas, cognição, invenção, aprendizagem, signos, produção do pensamento, produção do conhecimento, produção de subjetividades, formação, e muitos outros que pudessem ser encontrados nessa invenção com o encontro. Constituindo a trama houve a intenção de trazer alguns filmes. Nossa lista, construída na preparação da disciplina, trazia: O sorriso de Monalisa, A Onda, Dentro da Casa. No acontecimento se deram: O sorriso de Monalisa, Sociedade dos poetas mortos e Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual.

Nossa preparação para o acontecimento disciplina investia em modos: disparador e memória. O disparador estaria presente no momento inicial de cada um dos encontros – aula – e deveria estar sob a responsabilidade de um ou uma dos que compunham nossa disciplina. O outro, a memória, tinha como suporte um caderno que circulava por todos e todas, para que produzissem, de um encontro ao outro, os efeitos da disciplina.

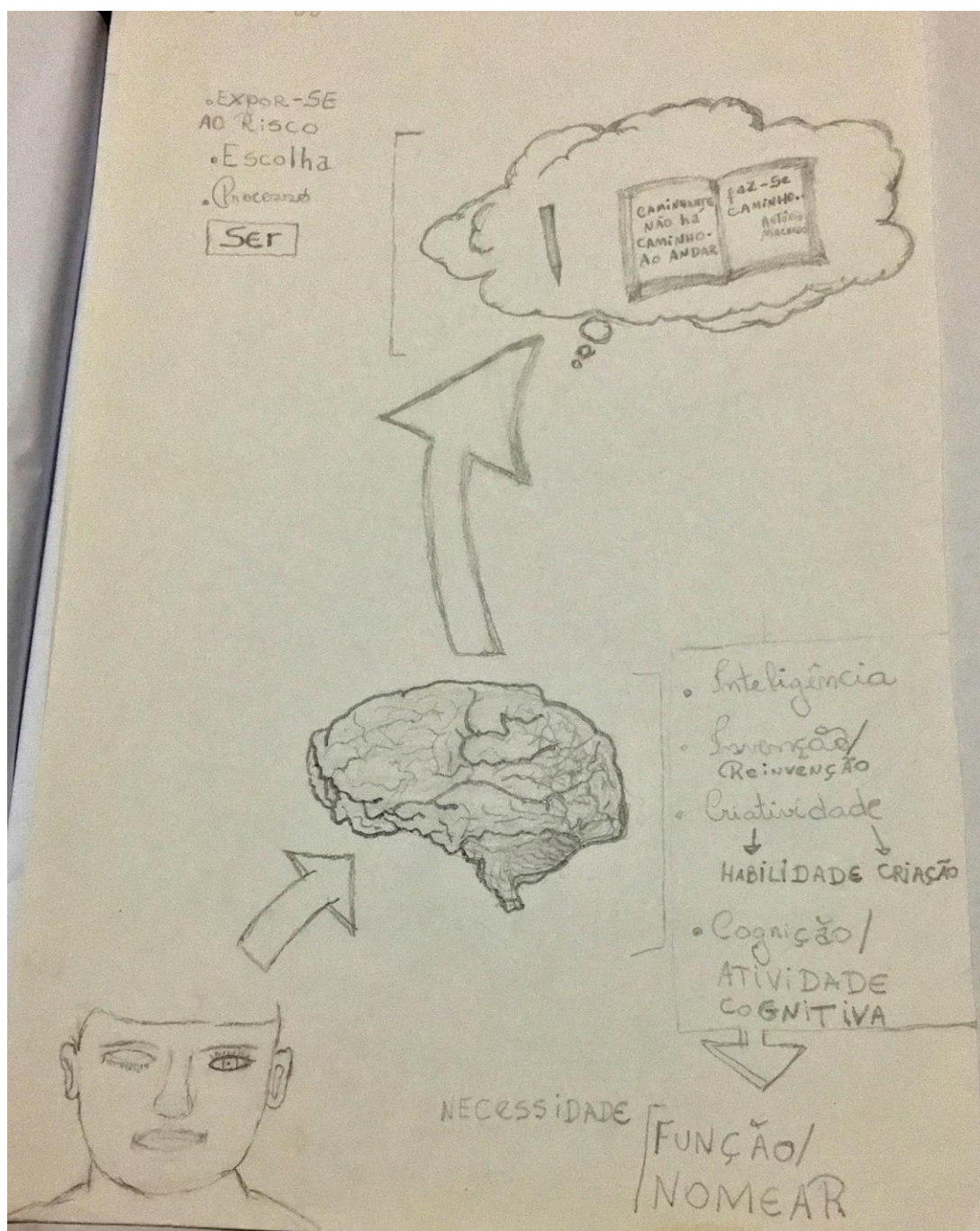
O disparador tomava a proximidade de um propulsor, uma máquina (Deleuze e Guattari, 2010), um dispositivo (Foucault, 1992) para engendrar invenção de problemas em um encontro – aula – que, apesar de preparados pela professora e pelo professor, permitia-se abrir ao inusitado, ao risco, então, à experiência. Dava condição à processualidade, engendrando naquela rede de forças outros fios, torcendo com uma organização prévia e solicitando sua invenção no fazer-se em acontecimento.

A memória, outro modo de estar com a disciplina, não se ligava ao passado de uma aula e sim aos efeitos produzidos. A memória era tomada em seu “caráter da experimentação, da criação e da novidade” (DOMENICO, 2013, p. 189). O caderno circulava, ia e vinha no entre corpos. Trouxe recortes de artigos, poemas, desenhos, letras de músicas, e outros.

Memória que não restituía um passado, e sim constituía-se num passado-futuro-presente-presente-futuro-passado...: contração temporal sem ciclo de previsibilidade. Memória como propulsora do devir, um dispositivo na produção de subjetividades e na produção de formação.

[...] a memória não tem apenas a função de restituir um passado, mas muito mais a construção de um futuro. Portanto, ao invés de rememorar um passado, enfoca-se na tarefa de elaborar-criar representações e experimentações, produzir sentidos e figuras, para uma experiência não delimitada, numa perspectiva de construção, que pode ser vista como processo de produção de mais linhas e fluxos mnemônicos; enfim, de novas realidades. (DOMENICO, 2013, p. 189)

Implicados com o acontecimento de uma disciplina e com os efeitos de um filme em seu acontecimento, produz-se uma política de narratividade (PASSOS; BARROS, 2009): aproveitar-se do filme *Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual* e daquilo que ele dá a pensar em Educação para compor, junto a recortes do caderno de memórias e o relato de um disparador, problema com formação de professores e professoras. Assim, compomos: Multiplicidade caótica, Cultura do inquilino, Efeitos, Medianera inútil e Rasgando uma medianera.



**Figura 1-** Caderno de memórias  
 Fonte: produção própria

## Multiplicidade caótica

*“Buenos Aires cresce descontrolada e imperfeita, é uma cidade superpovoada em um país deserto, uma cidade em que se erguem milhares e milhares e milhares e milhares de edifícios sem nenhum critério.*

*Ao lado de um muito alto, existe um muito baixo, ao lado de um racionalista, um irracional, ao lado de um de estilo francês há outro sem estilo algum. Provavelmente estas irregularidades nos refletem perfeitamente, irregularidades estéticas e éticas. Estes edifícios que se sucedem sem nenhuma lógica demonstram uma total falta de planejamento.*

*Exatamente igual à nossa vida, vamos vivendo sem ter a mínima idéia de como queremos ser.”*  
(Filme: Medianeras)

Um caos livre e tempestuoso compõe a existência de si e de seus tantos mundos. Caos sem conotações negativas. Caos “como o processo [que] se ramifica, complexifica-se, multiplica-se, em linhas descontínuas e móveis, num movimento muito mais dinâmico e fluído, do que estático e pontual” (DOMENICO, 2013, p. 180).

Há respiros neste tempestuoso? Paradas? Repousos? Há. “Pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 259).

Nesse tempestuoso, com suas paradas, respiros, e novos rasgos, vidas e mundos vão se produzindo. Vidas em formação. Formação de professores e professoras nos interessa.

Que pode uma formação? Como compor com afirmação a vida e a formação? Com nossas irregularidades, nossas imperfeições, com nossa ilógica constituição, como nos constituir em uma formação de professores e de professoras alinhavando o desejo de tomar posse da formação e da vida? Constituir um plano de imanência, na produção de um pouco de ordem, como diz Deleuze, uma parada mantendo a processualidade. Um corte no caos. Nele encontram-se problemas com a produção do Eu idealizado, constituído e portador da racionalidade. Daí colocam-se em xeque verdades de metanarrativas e de discursos instituintes e constituídos que povoam a Educação com sua rede de poderes e de saberes que tudo vêm, definem e nomeiam. Encontram-se problemas com nossas áreas de atuação, seus saberes disciplinares e seus poderes.

Nesse plano de imanência há o convite à aprendizagem com a experiência formativa. Manter a tensão com problemas: como alguém aprende?; de que modo nos relacionamos com o conhecimento, com o processo de aprendizagem?; de que modos se dá o pensar no pensamento?; o que pode a invenção na educação e na formação?

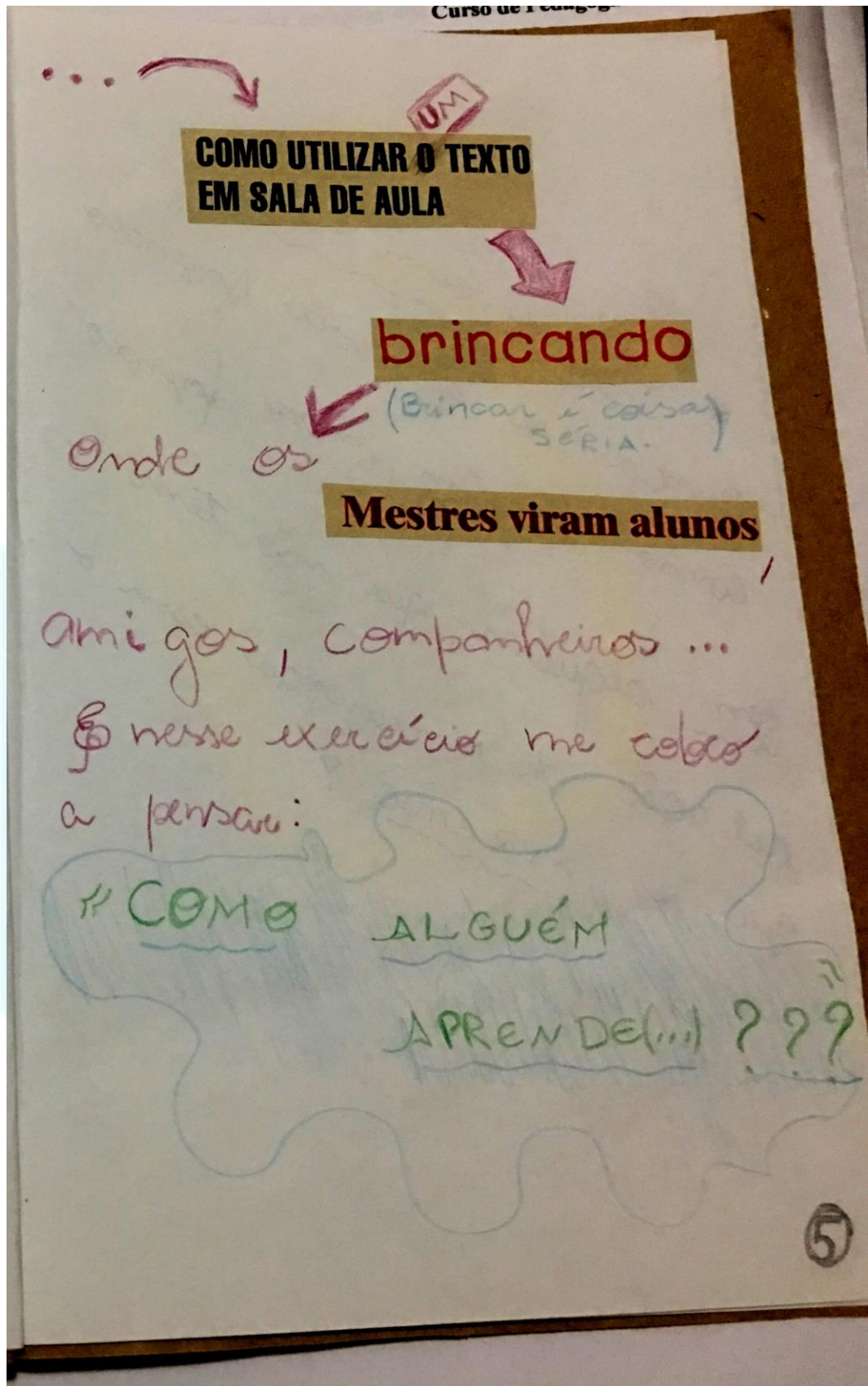


Figura 2- Caderno de memórias  
Fonte: produção própria

## Cultura do inquilino

*“Vivemos como se estivéssemos de passagem por Buenos Aires. Somos os inventores da cultura do inquilino. Os edifícios são cada vez menores, para dar lugar a novos edifícios, menores ainda. Os apartamentos se dividem em ambientes, e vão desde os excepcionais cinco ambientes com varanda, sala de jogos, dependência de empregados, depósito, até a quitinete, ou caixa de sapatos. Os edifícios, como quase todas as coisas pensadas pelo homem são feitos para nos diferenciar uns dos outros. Existe uma fachada frontal e posterior, e os pavimentos baixos e os altos. Os privilegiados são identificados com a letra A, excepcionalmente a B. Quanto mais progride o alfabeto menos categoria tem o apartamento. As vistas e a luminosidade são promessas que raramente condizem com a realidade. O que se pode esperar de uma cidade que vira as costas para o seu rio?”*  
(Filme: Medianeras)

Que esperar de existências que viram as costas para a vida? Que esperar de vidas que são inquilinas de modos de existir que foram tramadas por verdades que não são suas? Que esperar de vidas dominadas pelo discurso instituído na e pela Educação? Que esperar de professores e professoras que vivem como se estivessem de passagem por disciplinas escolares e seus saberes, então compactuando com seus poderes?

Somos inquilinos na Educação (Matemática)<sup>4</sup> de saberes disciplinares (Matemática), disciplinados e disciplinadores, destituídos da produção humana, então sistematizados por seus objetos internos e organizados através de seus modos, muitas vezes únicos, de operar.

Somos inquilinos de políticas cognitivas que se atrelam à invariância e a leis universais.

Somos inquilinos de modos de conceber o pensamento ligado à representação e a imagens universais e universalizantes.

Somos inquilinos de um conhecimento asséptico que compreende que existe um sujeito cognoscente que irá dar conta de conhecer um objeto, melhor, reconhecer.

Somos inquilinos também de um conhecimento que se dá via a um saber idealizado, não mundano, portanto puro.

Somos inquilinos de uma cognição que atende ao reconhecimento, então, reconhecimento.

E, nessa nossa postura de inquilino, vão se dando as valorações daqueles que sabem, daqueles que se aproximam de um tal saber idealizado e daqueles que não dão conta de um tal

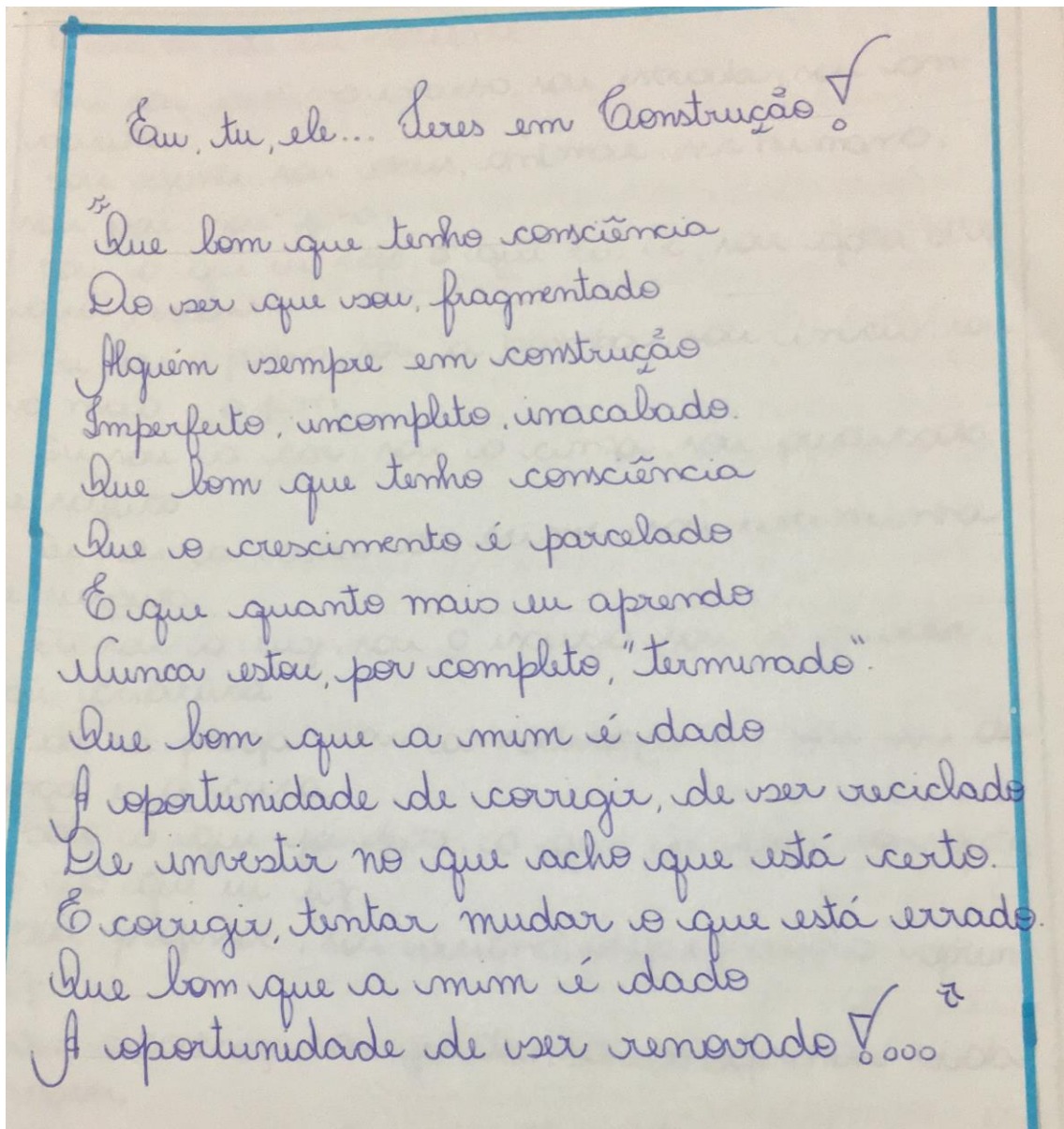
---

<sup>4</sup> Dizemos Educação Matemática e de um saber de uma disciplina Matemática, já que nos interessamos por formação e implicação nesta área. Entendemos, porém, que nossa problematização abre-se a outras áreas do campo do conhecimento chamado científico.



saber. Também classificamos nossas edificações, nossas existências. Somos, enfim, inquilinos de uma estética da existência que opera por moralizações e transcendências.

Que formação se dá junto à estética de existência do inquilinato? O que pode uma disciplina (Matemática) nesse modo de vida, além de informar, entregar prontos edifícios teóricos e práticos nos quais o reconhecimento tem valor de verdade? Que política de conhecimento e que ética se afinam com o inquilinato na formação? Que efeitos tais éticas, estéticas e políticas têm para a formação?



**Figura 3** - Caderno de memórias  
Fonte: produção própria

## Efeitos

*“Estou convencido de que as separações e os divórcios, a violência familiar, o excesso de canais de cabo, a falta de comunicação, a falta de desejo, a abulia, a depressão, os suicídios, as neuroses, os ataques de pânico, a obesidade, as contraturas, a insegurança, o estresse e o sedentarismo são responsabilidade dos arquitetos e empresários da construção.”*

(Filme: Medianeras)

Que formação, que pensamento, que professor e professora a cultura do inquilino, na Educação, arquiteta? Que efeitos a cultura do inquilino tem para pensarmos a formação? Um pensamento e uma formação e um professor e uma professora semelhantes e presos a uma Imagem Dogmática do Pensamento (DELEUZE, 2006b), pré-suposta ao próprio pensamento, à própria formação. Pré-suposto implícito a todo modo de existir, então a toda formação, a todo o pensamento:

[...] todo mundo sabe o que significa pensar e ser... de modo que, quando o filósofo diz "Eu penso, logo sou", ele pode supor esteja implicitamente compreendido o universal de suas premissas, o que ser e pensar querem dizer... e ninguém pode negar que duvidar seja pensar e, pensar, ser... *Todo mundo sabe, ninguém pode negar*, é a forma da representação e o discurso do representante. (DELEUZE, 2006b, p. 190)

Função da formação de professores e professoras numa estética da existência do inquilinato: fazer morada em saberes que *todo mundo sabe* e exercer poderes na medida em que *ninguém pode negar* a legitimidade do que ele discursa. Formação que não requisita presença, experiência, corpo. Formação que requisita repetição do mesmo numa ausência em e de vida. Formação que assume discursos ditos conscientes, os quais antecipam, de forma inteligível, sua própria produção num caminho reto, moral e verdadeiro. Arquetetam-se e constroem-se modos de viver junto aos poderes e suas regras coercitivas. Produz-se e se alimenta, desse modo, a cultura do inquilino que nos habita.

Estamos convencidos que as vidas despotencializadas que habitam os espaços educacionais, principalmente escolares, são responsabilidade de alguns arquitetos e empresários da construção, já que arrastam, junto a estética de existência do inquilinato, uma política de conhecimento cognitiva, representacional. A formação, desse modo, pode acontecer por meio de uma ética identificada à moral, a um caminho reto e seguro que leva às verdades dadas de antemão.

Moral, caminho reto e seguro, valores e modos que compõem um guarda-sol que nos abriga contra os perigos do pensar, então do existir. Construção de um abrigo para abafar nossas multiplicidades de linhas e modos: identificação e universalização. Segurança frente ao caos, efeitos: despotencialização do pensamento e a impossibilidade do pensar se dar no pensamento. Moradas – inquilinato – em algumas construções: Matemática, Filosofia, Pedagogia, Química, Biologia, e outras e outras e...

[...] o homem não pode viver no caos. Os animais podem. Para o animal tudo é caos, havendo apenas algumas poucas e recorrentes agitações e aparências em meio ao tumulto. E o animal fica feliz. Mas o homem não. O homem deve envolver-se em uma visão e construir uma casa que tenha uma forma evidente e que seja estável e fixa. No pavor que tem do caos, começa por levantar um guarda-sol entre ele e o permanente redemoinho. Então, pinta o interior do guarda-sol como um firmamento. Depois, anda à volta, vive, e morre sob seu guarda-sol. (LAWRENCE, 1998, p. 234)

Professores, professoras e suas formações abrigados do caos da vida, habitam um plano de transcendência, de solução *a priori* de problemas, no qual *todo mundo sabe e ninguém pode negar*. Formar professores e professoras, dando voz ao discurso do representante: efeito de uma cultura do inquilino.

### Medianera inútil

*“Todos os edifícios, absolutamente todos, possuem uma face inútil, imprestável, que não é nem a fachada frontal e nem a posterior, é a “medianera”. Superfícies enormes, que nos dividem e nos lembram do passar do tempo, a poluição e a sujeira da cidade. As medianeras mostram nosso estado mais miserável, refletem a inconstância, as rachaduras, as soluções temporárias: o lixo que escondemos sob o tapete. Pensamos nelas excepcionalmente, quando, violadas pelos intempéries do tempo, deixam infiltrar suas reivindicações. As medianeras se tornaram mais um meio publicitário,*

*que salvo raras exceções conseguiu embelezar-lhes. Geralmente, são propagandas duvidosas de supermercados ou fast food, anúncios de loteria que prometem de muito à quase nada, etc, etc, etc, apesar de atualmente nos recordar da terrível crise que nos deixou desempregados. Os condicionadores de ar são erupções irregulares das quais padecem as medianeras, graças à antiguidade dos edifícios que não contemplaram sistemas de refrigeração adequados para uma cidade cada vez mais quente.”*

(Filme: Medianeras)

Deixado de herança a seus descendentes, os guarda-sóis transformam-se em uma cúpula, uma abóbada em Educação Matemática, em Pedagogia, em Filosofia, em Química etc,

até que professores e professoras começam a sentir que algo os e as abafa. Professores e professoras erguem, entre eles e o selvagem caos, algum maravilhoso edifício de sua própria criação, e gradualmente tornam-se pálidos e rígidos embaixo de seu pára-sol. Então, eles se tornam poetas, inimigos da convenção, e fazem um furo no guarda-sol; e, oba!, o vislumbre do caos é uma visão, uma janela para o sol.<sup>5</sup>

Produzir um furo no guarda-sol, um rasgo no edifício de sua própria criação, na face inútil do edifício, na *medianera*. Exercício artístico de resistir à convenção instituída pela cultura do inquilino e seus efeitos, pelo guarda-sol que abriga de tudo que não é ordenado e cognoscível, exercício artístico de resistir à formação dada por planos de transcendência, por edifícios e guarda-sóis. Resistir é expor-se ao caos via furo, via rasgo, entrar em contato com a sujeira da cidade, com o lixo debaixo do tapete, com restos do plano de transcendência, mas não só. Há que se cuidar para que o rasgo, o furo não se torne uma vitrine de onde se pode contemplar o caos sem efetivamente ter com ele. Há que se manter o formar na formação, o exercício estético de criação, o devir-revolucionário. Devir que não se confunde com o futuro da revolução e não passa necessariamente pelo militante, já que não é imitar ou ajustar-se a modelos. "Os devires são o mais imperceptível, são atos que só podem estar contidos em uma vida e expressos em um estilo" (DELEUZE, 1998, p. 11).

Deslocam-se, nesse resistir, discursos do meio publicitário<sup>6</sup>, que retroalimentam a cultura do inquilino, que buscam um enquadramento do caos na demanda capitalista de nosso contemporâneo, amansando e abafando o caos. Esse, porém, se mostra no viver, por rasgos que alguns artistas fazem na produção de outra estética do existir, uma outra ética para o viver e uma outra política para o conhecer: devir-revolucionário. Constitui-se, pois, um problema: como manter-se na *medianera* de nossos edifícios - Educação Matemática, Pedagogia, Filosofia, Química etc - e produzir um rasgo que permita a "genuína golfada de ar do caos" (LAWRENCE 1998, p. 234)?

\* \* \*

---

<sup>5</sup> Parafrazeando Lawrence (1998, p. 234): "Deixado em herança a seus descendentes, o guarda-sol transforma-se em uma cúpula, uma abóbada, e os homens começam a sentir que algo está errado. O homem ergue, entre ele e o selvagem caos, algum maravilhoso edifício de sua própria criação, e gradualmente torna-se pálido e rígido embaixo de seu pára-sol. Então ele se torna um poeta, um inimigo da convenção, e faz um furo no guarda-sol; e oba!, o vislumbre do caos é uma visão, uma janela para o sol."

<sup>6</sup> O discurso dos meios publicitários invade a Educação e nela constitui espaços de legitimidade ligados à demanda capitalista de nosso contemporâneo. Dentre eles, avaliações em larga escala, referências curriculares, livros didáticos, entre outros.

*Era tarde de sexta-feira de segundo semestre de 2014. Quanto mais o semestre andava, mais aproximávamos do verão. Fazia calor. Quando chegava para a aula, na sala 8 da Faculdade de Educação, uma interdição. Não se podia entrar: a sala estava sendo preparada para um disparador. Professores e alunos se entreolhavam sem ter qualquer ideia do que seria o tal disparador ou mesmo o que o tal disparador dispararia. Dispararia? Ia-se fazendo espera até que alguém, do lado de dentro, abriu a porta. Ainda não se podia entrar. Antes de iniciar a aula, um disparador ditava as regras de seu jogo. Só seria permitida a entrada na sala de aula daqueles que se vendassem. Um dos discentes da disciplina, com um tanto de retalhos de panos em mãos, distribuía as vendas que colocávamos ainda no corredor da sala de aula. Dois professores e quase vinte alunos: todos entrávamos pela sala já vendados, corpo atento no que poderia vir, tateando o espaço: cadeira, parede, mesa... Colocávamo-nos a estranhar uma sala em que nos encontrávamos todas as sextas-feiras. Acho que ficarei por aqui! Sentado em algum lugar à direita de onde entrei, havia de se fazer com que o corpo todo enxergasse. Engraçado como tirar-nos a possibilidades de nos vermos produziu, tão logo todos sentassem, silêncio. De repente, ouvimos todos o entoar de uma voz grave:*

*"Quando chegamos ao colégio, em 1916, a cidade teria apenas cinquenta mil habitantes..."<sup>7</sup>. Parecia uma história, não a conhecia. Dizia de dois amigos de colégio interno num dia de domingo numa praça... "A caminho do cinema, a dois passos dele, na rua principal, está a confeitaria, a cuja porta é grato a gente deter-se, ante as formas caprichosas e coloridas que ali se dirigem simultaneamente a vários sentidos. Certos bolos e cremes, antes de serem degustados pela boca ávida, o são pelo nariz e pelos olhos, e, se no-lo permitissem, o seriam pelas mãos, que amariam verificar a maciez, a doçura e a delicadeza da pasta"<sup>8</sup>. E íamos escutando, de ouvidos atentos, até que:*

*"HOJE*

*Delicioso sorvete de ABACAXI*

*Especialidade da casa HOJE"<sup>9</sup>... E aos ouvidos atentos iam-se somando narizes atentos. Sim, pois que ao mesmo tempo que a história ia sendo contada, um cheiro inconfundível de abacaxi tomava a sala de aula. Estaria delirando? Seria a história a fazer-*

---

<sup>7</sup> ANDRADE, 2008, p. 27

<sup>8</sup> ANDRADE, 2008, p. 30-31

<sup>9</sup> ANDRADE, 2008, p. 31

*me sentir aquele aroma doce de fruta fresca? Ouvia, ainda, a voz que contava a história, agora menos absorto de tanta água na boca! Do mesmo jeito que o cheiro veio, se foi. Sim, naquele momento tive certeza de imaginar a coisa toda do cheiro. Mas eis que a todo momento em que a história voltava ao sorvete (o que não foram poucas!) vinha de novo o aroma de abacaxi que invadia a sala. Não sei dizer quanto tempo durou o sabor daquela experiência. Quando a voz grave cessou de contar a história do sorvete de abacaxi e nos autorizou a tirar a vendas, seguiu-se uma discussão de tarde toda em torno da formação docente, da aprendizagem do corpo na sala de aula e tantas coisas mais. Isso, claro, dividindo com toda a turma os suculentos pedaços de abacaxi que fizeram da sinestesia som-  
aroma um potente disparador em uma aula.*

Disparadores, veio de tudo um pouco, música, debate, brincadeiras, comida, textos. Separando a palavra, fica; “dispara”, (soltar ou emitir com força. Atirar, lançar, arrojado). “dores”, (Sensações de sofrimento, decorrente de lesão). Os disparadores lançaram ferimentos em nossos corpos. Ferimentos esses que estão longe de serem cortes na pele que com alguns pontos se fecham. Longe de ser alguma pancada que com o tempo desincha. Os ferimentos que foram lançados invadiram nossos corpos, se entrelaçaram em nossas entranhas como um vírus, infectou nossos pensamentos, e não há coquetel ou remédio contra os danos causados. Alguns foram causados por músicas, músicas essas que veem para nos curar, relaxar. Mas como pode um remédio se tornar o vilão da história? Quando tomamos um remédio, ele se desfaz em todo nosso corpo para tirar a dor, e como uma função bijetora tem também a inversa, e isso foi o que aconteceu nos disparadores. Invertamos com o acontecido. As feridas ficaram expostas, sangrando, fervilhando de dores, e talvez seja isso que precisamos, ver as feridas expostas, ver o sangue jorrar, ver o que olhos têm pavor de ver, e com isso ter a sensibilidade de lidar com a dor e ver a beleza da carne, a beleza do sangue vermelho, a beleza da vida que ali está presente, ver a beleza da possibilidade da desgraça.

**Figura 4-** Caderno de memórias  
Fonte: produção própria

### **Rasgando uma medianera**

*“Contra toda a opressão que significa viver em caixas de sapatos, existe uma saída, uma fuga, ilegal, como todas as fugas. Em clara contravenção ao código de planejamento urbano, abrem-se minúsculas, irregulares e irresponsáveis janelas que permitem que milagrosos raios de luz iluminem a escuridão em que vivemos.”*

(Filme: Medianeras)

E eis que:

[...] depois de um certo tempo, tendo se acostumado à visão, e não lhe agradando a genuína golfada de ar do caos, o homem do lugar-comum rascunha um simulacro da janela que se abre para o caos, e remenda o guarda-sol com o remendo pintado do simulacro. Isto é, ele se acostumou à visão; ela faz parte da decoração de sua casa. De maneira que o guarda-sol finalmente parece um amplo e brilhante firmamento, de vistas variadas. Mas, que pena! É tudo simulacro, feito de inumeráveis remendos. (LAWRENCE, 1998, p. 234)

Um modo acostumado de viver, de não colocar como problema a vida que se vive, naturalizado, acostumado a guardar as variâncias e as multiplicidades por baixo dos tapetes. Um modo acostumado de acionar respostas para problemas que não são inventados, respostas para problemas dados de antemão. Um modo de viver que não ativa o corpo e o pensar, deseja colar o mundo e a existência em semelhanças e analogias, garantindo a segurança do viver. A garantia virá com a criação de grandes simulacros.

Então, ainda inquilinos. Como produzir um corpo suficientemente poroso que esteja aberto às experiências que colocam em suspensão nosso fluxo habitual de consciência? Como, enfim, operar nas margens da cultura do inquilino, que impede o corpo de toda experiência? Problemas que colocam a formação para além da questão da idealidade de uma identidade *a priori* do processo formativo e que pensa a experiência de formar como força que impulsiona a subjetividade para fora de seus limites.

Ficar à margem, à espreita, com atenção e tensão com e no viver: uma prática. Produzir práticas que nos inquietem com os modos de estar no abrigo, de viver e morrer no abrigo. Produzir práticas que desacostumem o pensar, que acionem o desconfiar das dualidades, dos valores, dos grandes discursos e de seus saberes e poderes. Produzir práticas de resistência na insistência da inquietude com o pensar e o viver. Produzir práticas que fiquem por longo e distendido tempo acionando modos de ir rasgando e ir rasgando e ir rasgando nossas medianeras.

Práticas perfurando o guarda-sol da formação de professores e professoras: cheirar abacaxi, brincar de colorir, ler colorindo, inventar com poesias e músicas e filmes, tramar com aulas arriscadas num não-saber em disparadores, fazer da memória produção de um tempo estendido, fazer do estudo um agenciamento, ensaiar para uns tantos minutos de inspiração para produção da inquietação com a formação. Arder na invenção de problemas com educação, com conteúdos disciplinares, com salas de aulas, com formação, com pensares,

com conhecimentos ... Abrir uma janela na medianera, rasgar ou arrombar nosso guarda-sol. Acionar o que Lawrence (1998) anuncia: “Até que um outro poeta faça um buraco no amplo e tempestuoso caos” (p. 234).

Não haveria, assim, “o” arquiteto, aquele que deteria o saber e o poder, para produzir “a” forma mesma para nossas existências. Esculpir-nos produzindo-nos ao construir uma ética da existência e uma estética de nossas formações. Encontrar com um problema: como tornar-se professor e professora abrindo mão da vontade de verdade, da vontade de apoderar-se do discurso educacional como verdade? E outros: como tornar-se professor e professora empoderando-se no discurso educacional?<sup>10</sup> Como fazer sua uma verdade? Como tramar numa trama já estabelecida?

Uma opção, uma decisão política: promover espaços para o acontecimento, tramando com dispositivos. Um corte no caos de nossa existência. Desafio: promover práticas que viabilizem o “desencadeamento de processos de problematização [junto à formação] que não se [esgotem] ao encontrar uma solução” (KASTRUP, 2005, p. 1282).

[...] um estilo de vida, uma espécie de forma que se deve conferir à própria vida. Por exemplo, para construir um belo templo segundo a *tékhnē* dos arquitetos, é preciso certamente obedecer a regras, regras técnicas indispensáveis. Mas o bom arquiteto é aquele que faz suficiente uso de sua liberdade para conferir ao templo uma *forma*, uma forma que é bela. (...) A obra bela é a que obedece à idéia de uma certa *forma* (um certo estilo, uma certa forma de vida). (FOUCAULT, 2006, p. 514)

Efeitos? Possibilidades com a processualidade da formação de professores e professoras? Nunca se sabe...

---

<sup>10</sup> Tomamos, aqui, o problema colocado por Foucault (2012, p. 9-10) em A Ordem do Discurso: "Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso [...] é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que [...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar".



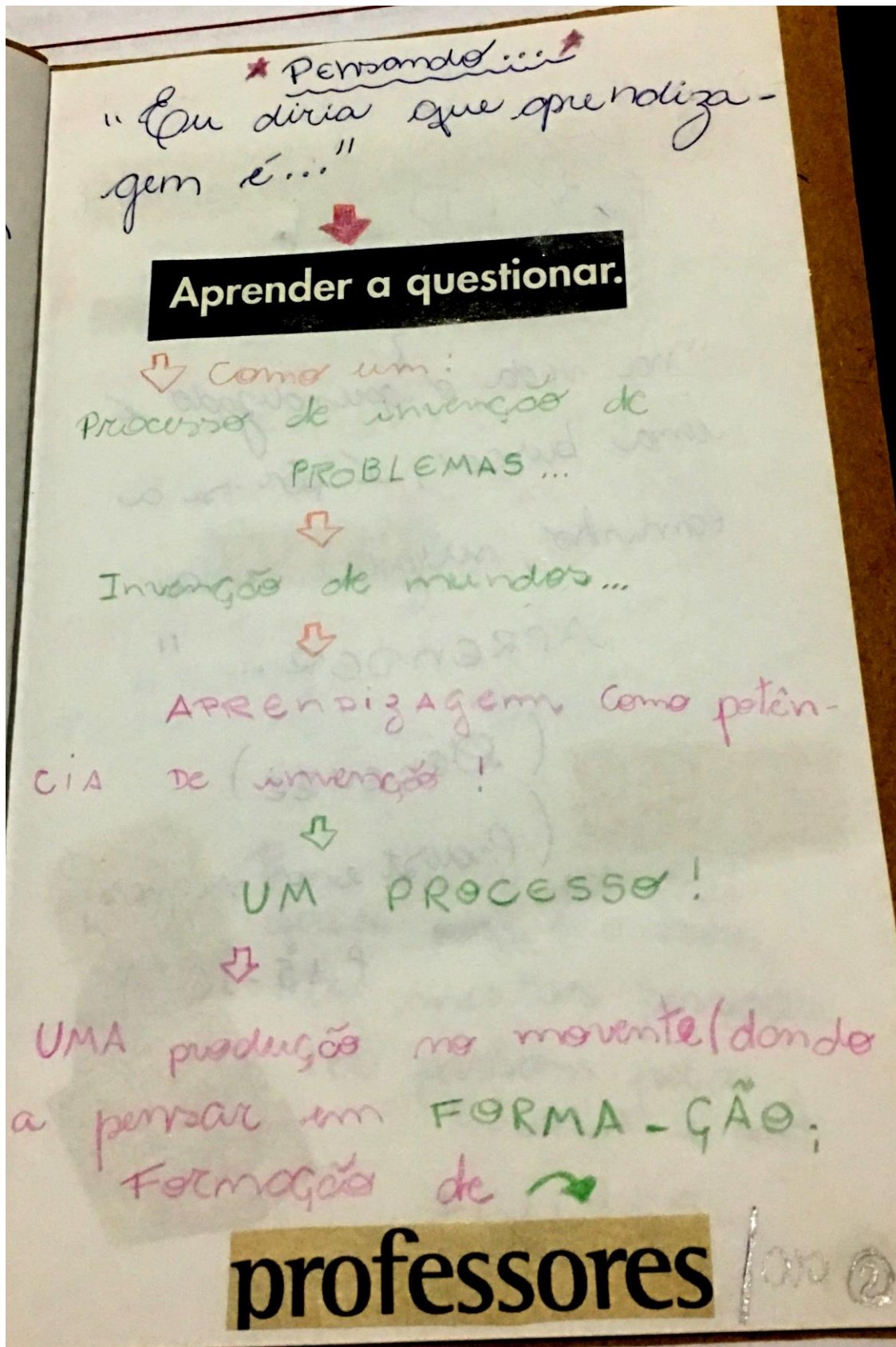


Figura 5- Caderno de memórias  
 Fonte: produção própria

## Referências

- A ONDA. [s.i.]: Constantin Film Produktion Gmbh, 2008. Son., color. Legendado.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. O sorvete. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Contos de aprendiz**. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 27-36.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de P.P. Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, G; PARNET, C. Tradução E.A. Ribeiro. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles; **Abecedário de Gilles Deleuze**, O. Entrevista com G. Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Proust e os signos**. 2. ed. Tradução A.C. Piquet e R. Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.
- \_\_\_\_\_. **Diferença e Repetição**. 2. ed. revis. e atual. Tradução L. Orlandi; R. Machado. São Paulo: Graal, 2006b.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F.. **O que é filosofia?**. 2. ed. Tradução B. Prado Júnior e A.A. Nuñez. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. FÉLIX, Guattari. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DENTRO da casa. [s.i.]: California Filmes, 2012. Son., color. Legendado.
- DOMENICO, Uhng Hur. Memória e tempo em Deleuze: multiplicidade e produção. In **Athenea Digital**. 2013. p. 179 – 190.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- \_\_\_\_\_. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France. São Paulo, Edições Loyola, 2012.
- KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo**: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Campinas: Papyrus, 1999.
- \_\_\_\_\_. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir mestre. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1273-1288, Set./Dez. 2005.
- LAWRENCE, D. H. O caos da poesia. In: Selected Critical Writings. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Oxford World's Classics, 1998. Disponível em: < <http://www.portalentretextos.com.br/gerarpdf/5,818.html> >. Acesso em: 20 de set. 2014.

MEDIANERAS: Buenos Aires da era do amor virtual. [s.i]: Rizoma Films, 2011. (95 min.), son., color. Legendado.

O SORRISO de Monalisa. [s.i]: Columbia Pictures Corporation, 2003. Son., color. Legendado.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. Por uma política de narrativa. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 150-171.

ROOS, A. P. Nunca se sabe como alguém aprende.... In: II Colóquio Franco-brasileiro de Filosofia da Educação - **O Dever-mestre: entre Deleuze e a Educação**, 2004, Rio de Janeiro. cd-rom, 2004. v. único.

SOCIEDADE dos poetas mortos. [s.i]: Disney/Buena Vista, 1989. Son., color. Legendado.

VARELA, F; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **A mente corpórea**: ciência cognitiva e experiência humana. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

**Submetido em abril de 2017**

**Aprovado em maio de 2017**